



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento das Conferências Nacionais de Aqüicultura e  
Pesca**

**Palácio do Planalto, 13 de junho de 2003**

Minha querida companheira Marisa,  
Meu querido companheiro José Fritsch, secretário especial de  
Aqüicultura,  
Sua companheira Ivone,  
Ministro Miro Teixeira, das Comunicações,  
Ministro Luiz Dulci, chefe da Secretaria-Geral da Presidência da  
República,  
Meu companheiro Álvaro Augusto Ribeiro Costa, advogado-geral da  
União,  
Meu companheiro José Graziano, ministro de Estado Extraordinário de  
Segurança Alimentar e Combate à Fome,  
Meu querido companheiro Aluísio Mercadante, líder do Governo no  
Senado,  
Meus companheiros deputados, deputadas,  
Companheiros empresários,  
Companheiros, como diria “seu” Toinho, pescadores e pescadeiras do  
meu Brasil,

Antes de falar, eu quero dizer para vocês que, possivelmente, nós,  
autoridades brasileiras, autoridades circunstanciais, se não tivéssemos feito  
este lançamento, não teríamos conhecido esses integrantes do Grupo  
“Marujada, Fragata Brasileira”.

Essas apresentações, que podem se tornar um hábito dentro do Palácio



do Planalto, são para a gente ir tomando consciência de que, no Brasil, há muito mais coisas bonitas do que as que aparecem nas televisões. E que nem todos os poetas do Brasil conseguiram se projetar com a publicação de um livro ou com uma grande entrevista numa revista importante do Brasil. O que a gente percebe é que um companheiro, como “seu” Toinho, na verdade só precisava de uma chance e de uma oportunidade para dizer a todos nós: “Eu sei mais do que pescar, eu também sei fazer poema”. Meus parabéns, meu querido, porque quantos poetas nós temos por este país afora, que ainda não tiveram a oportunidade de chegar aqui? Mas, certamente, terão, porque muitos atos acontecerão aqui neste salão.

Se eu tivesse que fazer uma imagem sobre a pesca no Brasil e sobre a vida dos pescadores, a imagem, para mim, seria a imagem da paciência. Não há ninguém que tenha mais paciência, no mundo, do que um pescador, um bom pescador, porque aqueles apressados ficam cinco minutos e já caem fora, achando que não vai dar nada. Não têm a paciência de esperar o bom cardume passar para poder voltar para casa. E, principalmente, quando a gente vai ter que decidir, aqui, hoje, se o padroeiro é Santo Antônio ou São Pedro, porque as moças e os rapazes que estão ávidos e esperançosos de arrumar os seus parceiros ou parceiras, hoje, que é o dia de Santo Antônio, ficaram preocupados e pensaram: mas será que ele é padroeiro? É um santo casamenteiro ou é um santo pescador? E, para nossa sorte, das mulheres solteiras e dos homens solteiros, hoje é dia do santo casamenteiro. O do pescador vai ser dia 29, o dia de São Pedro.

Quando eu falo da paciência eu me lembro de um filme que, eu acredito, muitos já assistiram: “O Velho e o Mar”, uma história de Ernest Hemingway, que mostra a paciência do ser humano, mostra a esperança de conseguir realizar um sonho. Quantos sonhos vocês já tiveram neste país, acreditando que a pesca um dia iria ser levada a sério?

O Furlan me dizia que a última vez que se discutiu pesca, neste país, foi



numa reunião, aqui mesmo, com o presidente Geisel. Eu estou falando de mil novecentos e setenta e poucos, portanto, são três décadas em que esse segmento está marginalizado, vivendo por conta da bravura de homens e mulheres que costumam resistir a qualquer adversidade.

No Brasil, tem-se o hábito de acabar com uma coisa e não colocar nada no lugar. Acabou-se com a Sudep, e a pesca se transformou numa palavra dentro do Ministério da Agricultura, sem se levar em conta a nossa costa marítima, sem se levar em conta a quantidade de água doce que nós temos no nosso país.

E o problema não é que os Presidentes não soubessem. Qualquer Presidente da República, não precisa ser muito letrado – como disse o nosso companheiro Toinho – para saber que nós temos uma costa marítima invejável, e que temos um percentual de água doce e rios bons e preparados para a pesca como nenhum outro país do mundo tem.

Entretanto, nunca se cuidou disso com carinho. Eu estava em Itajaí, no ano passado, quando participei de um seminário. Eu cheguei ao final do seminário, havia muitos pescadores, empresários, e eu assumi o compromisso de que nós iríamos criar a Secretaria da Pesca. E criamos, logo no começo do Governo.

Entretanto, entre você criar e estruturar a Secretaria, e começar a definir as políticas, há sempre um tempo. Isso é sempre como uma casa, ou seja, por mais que a gente tenha pressa de morar, vai ter que começar a fazê-la pelo alicerce, vai ter que colocar tijolo sobre tijolo, colocar o madeiramento, e depois colocar telhas, para ela ficar pronta.

Sempre demora um pouco mais do que a gente gostaria. Quando a gente tenta fazer uma casa na base do mutirão, às vezes a gente chama um monte de amigos, trabalha, como a gente está, aqui, hoje. Faz-se uma parede, e, se a cerveja foi demais, na segunda-feira a gente descobre que a parede não está no prumo, então é preciso refazê-la ou tirar no reboco, o que vai



tomar mais cara a casa.

Nós estamos hoje começando uma Conferência Nacional de Pesca. Estamos começando pelo caminho certo, pois este assunto não pode ser uma decisão apenas do Governo, não pode ser uma decisão do Ministro, não pode ser uma decisão desse ou daquele empresário, desse ou daquele pescador. Tem que ser uma decisão do conjunto das pessoas que vivem da pesca neste país, para que a gente possa construir uma coisa tão sólida, que daqui a alguns anos, mesmo que um Governo queira acabar, a sociedade esteja tão solidamente organizada que ele não terá como acabar. Até porque nós não estamos criando a Secretaria para o Governo e muito menos queremos preparar os pescadores e a indústria para o Governo. Nós queremos prepará-los porque o Brasil, certamente, precisa muito mais de vocês do que vocês imaginam. Afinal de contas, nós somos um país com baixo consumo de proteínas e, sobretudo, da proteína advinda do peixe.

Então eu quero, meu companheiro Fritsch, dizer para você que somente um homem de Chapecó – que nem sabia o que era um açude, porque Chapecó não tem açude, Chapecó tem frango, tem frigorífico só – é que poderia assumir a Secretaria com a competência, com a vontade e com a disposição de fazer as coisas acontecerem, como você tem.

Eu digo que política não tem segredo, se há uma coisa que ninguém precisa ter é diploma universitário para conhecer política. O cidadão para ser médico, tem que ter diploma, para ser jornalista dizem que precisa, mas nem tanto, e vai por aí afora; mas o político não precisa, a política está na carne, está nas entranhas dele fazer as coisas corretas ou não.

Eu sempre comparo mais ou menos ao futebol, porque futebol é coisa que todo mundo entende; mesmo os que não são corintianos entendem de futebol neste país, mesmo o Aluizio Mercadante que é santista, ou o Miro Teixeira, que é flamenguista, ou os cruzeirenses, sei lá, todo mundo entende.

Mas a verdade é que, muitas vezes, as pessoas ficam sonhando com tal



jogador e não entendem por que o técnico coloca tal jogador, porque muitas vezes é um jogador briguento, que não deixa o adversário sossegado um minuto, que fica grudado ali, brigando pelos seus interesses, brigando pelas suas coisas... E eu confesso a vocês: se não fosse a disposição de brigar do companheiro Fritsch, possivelmente a gente não tivesse lançado hoje a Conferência, ainda estivéssemos discutindo funcionários para a Secretaria dele.

As coisas são assim, são mais difíceis do que a gente imagina. Mas o Companheiro Fritsch está de parabéns. Que você saiba que, além da participação da sociedade pesqueira deste país, este ato que estamos realizando hoje se deve, sobretudo, à sua competência e capacidade de acreditar nas coisas que você faz.

Entre o rio Oiapoque, no extremo Norte, e o arroio Chuí, no Sul, estende-se nossa costa marítima. Trata-se de uma imensa diversidade ecológica formada por praias, brejos, estuários, mangues, lagunas e um mar aberto com 3 milhões e 500 mil quilômetros quadrados, que delimita nossa Zona Econômica Exclusiva.

Do outro lado, no interior do território, um verdadeiro oceano doce premia o país com a maior concentração de recursos hídricos do mundo.

O Brasil tem 5,7% das terras firmes do planeta. E quase 12% de toda a água doce disponível no planeta. Somos uma das grandes reservas líquidas da Natureza. Apesar disso, a nossa realidade continua dura.

Nesse imenso ambiente, riquíssimo, tem prosperado uma contabilidade perversa. Lado a lado, convivem a fome e o desperdício absurdo de um potencial tão generoso.

Não é preciso ir longe. Nossos próprios pescadores artesanais engrossam, em grande parte, as fileiras dos excluídos: 70% deles são vítimas do analfabetismo. Somente agora, neste Governo, eles foram contemplados com um programa específico, o programa chamado “Pescando Letras”, que vai



beneficiar 65 mil pessoas até dezembro e superar o analfabetismo, nesse segmento, até 2006.

Apesar da Natureza farta, nossa pesca e a produção em cativeiro não ultrapassam um milhão de toneladas. Inferior, portanto, à de países como Peru, Chile, Argentina e México. Pior do que isso: o esquecimento a que ficou relegado o setor incentiva a exploração descontrolada em celeiros inacessíveis às nossas embarcações.

A pesca intensiva, praticada por modernos barcos estrangeiros, por exemplo, avança por águas territoriais, onde a acanhada frota nacional mal consegue chegar. Esses são os extremos que marcam a situação da pesca em nosso país. Entre eles é preciso desbravar um novo caminho.

É para isso que existe Estado, que existe Governo, para propor políticas que conciliem a preservação do patrimônio comum com a exploração econômica sustentável dos recursos, a serviço do interesse de todos. É disso que trata o Plano Estratégico Nacional de Desenvolvimento da Aqüicultura e Pesca, que vai coroar as conferências estaduais e nacional, abertas hoje aqui.

Diz o ditado que nenhum vento é bom quando não se sabe o porto onde se quer chegar. Nós sabemos o porto onde queremos chegar. O nome desse porto chama-se: justiça social.

Sabemos que o desafio enfrentado nas águas é o mesmo que vivemos em terra firme. Cabe ao Governo, a este Governo, criar condições para que a sociedade pautе a economia e o desenvolvimento pelo princípio da justiça social, da democracia participativa e da solidariedade republicana, com direitos e deveres iguais para todos.

Meus amigos e minhas amigas, exatamente porque o desafio é imenso, não podemos destruir ou negligenciar o que nos é dado como trunfo. O desperdício do nosso potencial pesqueiro acentua o absurdo dos desequilíbrios que nos cercam.



Até meados dos anos 70, o peixe ainda era a segunda fonte de proteína no cardápio nacional. A fome cresceu, mas a multiplicação dos peixes não tem ocorrido em igual velocidade. Faltou planejamento, faltou Governo, faltou Estado, faltou atenção ao que é nosso – a começar pelas necessidades sociais.

Recuperar o tempo perdido, de qualquer forma, não redime o país da devastação predatória a que foi submetido.

A pesca e a aquicultura brasileiras devem ganhar escala, incorporando tecnologia, eficiência e criatividade no manejo produtivo. Embora as reservas oceânicas sejam imensas, elas não são inesgotáveis.

Esse é mais um motivo para que as fazendas de criação – ou seja, a aquicultura – sejam cada vez mais decisivas para equilibrar a oferta e a demanda de proteína sem saturar os recursos naturais.

A aquicultura já abastece 20% da oferta pesqueira mundial e não pára de crescer. No Brasil, como disse o companheiro Fritsch, ela também cresce a taxas espantosas de 25% ao ano. Mas a nossa produção ainda é muito pequena, menos de 300 mil toneladas ao ano. Há países, como a China, que produzem milhões de toneladas anuais.

Temos clima favorável. E um mar interno feito de reservatórios e açudes que somam mais de cinco milhões de hectares só nas bacias do Paraná e do São Francisco. Sistemas de manejo específicos podem conectar essas águas ao mercado pesqueiro em regiões carentes de proteína e emprego, como é o caso do nosso querido Nordeste. Não são miragens, são realidades palpáveis.

Este é o porto que buscamos: colocar as potencialidades do país a serviço da sociedade, numa rota de desenvolvimento sustentável.

É o que estamos fazendo hoje, ao anunciamos um conjunto de medidas para ampliar em 50% a produção da pesca e da aquicultura nacionais nos próximos três anos, o que permitirá elevar o consumo dos atuais 7 kg para 12



kg por habitante em 2006. E fazemos isso olhando tanto o humilde pescador artesanal quanto a moderna indústria pesqueira.

Para isso, decidimos destinar 1 bilhão e meio de reais do BNDES, oriundos do Fundo da Marinha Mercante, para a construção de embarcações adequadas à pesca oceânica. Essa frota é indispensável à captura em águas profundas nacionais, bem como ao exercício de nossos direitos legítimos de pesca no mar Antártico e no Atlântico Norte. Vamos destinar, inicialmente, 800 milhões de reais para ampliar e modernizar a pesca e a aquicultura no Norte e Nordeste, através de Acordo de Cooperação entre o Banco do Nordeste e o Banco da Amazônia, com aportes dos fundos constitucionais das respectivas regiões. Essa injeção de recursos, que poderá ser ampliada, é suficiente, desde já, para expandir em 20% a produção anual nordestina, incorporando-a ao esforço de combate à fome e geração de emprego e renda.

Na mesma direção – também o Fritsch já falou isso – estamos firmando convênios entre a FAO, a Fundação Banco do Brasil e a Codevasf para desenvolvimento da aquicultura no semi-árido.

Na Amazônia, esse Acordo de Cooperação permitirá não apenas ampliar a oferta pesqueira e a construção de embarcações, mas também emancipar pescadores artesanais submetidos à indigna dependência dos sistemas de aviação.

Com esse foco no pescador artesanal, decidimos liberar R\$ 55 milhões para financiamentos do Pronaf/Pesca, bem como encaminhar projeto de lei, em regime de urgência, que reduz de três anos para 12 meses o tempo de carteira exigido para o acesso do pescador ao seguro-desemprego, nos períodos de defeso.

Finalmente, decidimos equalizar os preços do óleo diesel marítimo para a frota pesqueira nacional. Com essa medida vamos reduzir em 20%, em média, os preços de um item que representa quase a metade dos custos de produção. Abre-se espaço, assim, para uma oferta mais barata no varejo,





capaz de ampliar o consumo de produtos da pesca nacional. Se depender deste Governo, o Brasil vai ocupar uma posição de destaque no século 21 como grande produtor de proteína de baixo custo.

Muito trabalho e muito sucesso nas Conferências que hoje se iniciam, meu caro Fritsch. Um bom Plano Nacional de Aquicultura e Pesca vai contribuir para transformar as muitas promessas de fartura, sempre adiadas, em vida digna compartilhada por todo o nosso povo. É esse, meu caro Fritsch, o porto onde nós queremos chegar e do qual eu falei no começo.

Muito obrigado e boa sorte aos pescadores do meu país.

/rss/cms